

POR UM PENSAMENTO HÍBRIDO NA COMUNICAÇÃO

FOR HYBRID THINKING IN COMMUNICATION

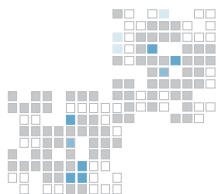
POR UN PENSAMIENTO HÍBRIDO EN LA COMUNICACIÓN

■ Lucia Santaella



Pesquisadora 1A do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil), professora titular no programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica e do Programa de Pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital da PUC-SP, Diretora do Centro de Investigação em Mídias Digitais e Coordenadora do Centro de Estudos Peirceanos, na PUC-SP. Recebeu o prêmio Jabuti em 2002 (com o livro *Matrizes da linguagem e pensamento*), em 2009 (com o livro *Mapa do Jogo*) e 2011 (com o livro *A ecologia pluralista da comunicação*), o Prêmio Liber Sergio Motta em Arte e Tecnologia, em 2005, e o prêmio Luiz Beltrão de maturidade acadêmica, em 2010. Sua obra conta com 41 livros, mais de 300 artigos publicados no Brasil e no exterior e se estende entre os campos da semiótica, comunicação, crítica da literatura, da arte e da cultura.

■ E-mail: lbraga@pucsp.br



■ Por Tarcísio Cardoso

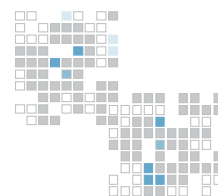
Doutorando em Tecnologias da Inteligência e Design Digital da PUCSP, mestre em Comunicação e Semiótica da mesma instituição. Atualmente, realiza pesquisa interdisciplinar com interesse em semiótica peirceana e teoria do ator-rede. Além da pesquisa acadêmica, é docente em cursos superiores na área de Comunicação e Filosofia (FAPCOM e FEBASP) desde 2010, com ênfase em Comunicação, Semiótica, Internet e Convergência das Mídias.

A partir de uma aliança entre comunicação e semiótica, Lucia Santaella expõe sua trajetória, influências e indagações sobre o campo da comunicação. Com formação em música e letras, a pesquisadora não nega a importância que essas origens tiveram para sua teoria das matrizes e para a visão que adotou sobre a literatura, não mais vista por si mesma, mas a partir de suas relações com as linguagens visuais e com a música, por exemplo. Professora desde os 19 anos e pesquisadora de notável reconhecimento, a autora declara abertamente que muito aprendeu, não apenas com seus mentores, mas também com seus mais de duzentos orientandos.

Nesta entrevista, Santaella fala dos dilemas contemporâneos da comunicação, especialmente no que se refere à comunicação na *era digital* e à *cultura das mídias*, entendida como uma fase de transição entre o modelo dos *mass media* e a era digital. Evidentemente, nem tudo são flores no atual cenário, e a autora não adota uma visão eufórica frente aos novos desafios da tecnologia e da comunicação, pois, para ela, “ao mesmo tempo em que as redes avançam no sentido do aumento do

potencial libertador do humano, elas também avançam no potencial de malignidade, como se pode ver na vigilância ubíqua que elas promovem”. É importante, no entanto, compreender as novas nuances dos processos comunicacionais, tanto do lado humano, a partir dos tipos de leitores e de aprendizagem condizentes com o nosso tempo, quanto o lado dos “outros”, composto por toda uma ecologia de objetos técnicos cada vez mais inteligentes.

Mais importante ainda é notar a ruína do antropocentrismo, ainda presente no mundo ocidental, e uma necessidade de se compreender as propostas mais recentes da literatura do pós-humano e da chamada ontologia plana, para quem atores humanos e “não humanos” são igualmente reais, mas não igualmente fortes. A partir de tais ideias, a autora propõe uma leitura da comunicação centrada mais nos mediadores do que nos polos de emissão e recepção das mensagens, o que parece apropriado para uma fase em que a cultura digital cada vez mais móvel, dinâmica, pervasiva e ubíqua impõe novas questões para o campo da comunicação. Regida por uma lógica da complexidade, da inteligência cole-



Comecei a trabalhar como professora desde muito cedo, com 19 anos, por opção, dada a energia juvenil que me movia.

tiva, da presença dos dispositivos digitais em rede e seus algoritmos, a comunicação digital se vê comprometida com questões da internet das coisas, da robótica e dos *wearables*, o que motiva Santaella a prognosticar o fim do binômio sujeito-objeto.

Estimada professora Lucia, gostaria de começar esta entrevista perguntando sobre a sua trajetória acadêmica. Parece-me muito interessante que a sua trajetória tenha partido da teoria crítica de base marxista, da literatura, da poesia, e tenha chegado à semiótica peirceana, aos modos gerais pelos quais relacionamos conceitos, às abordagens cognitivas e às indagações sobre a ecologia das mídias e sua relação com o pós-humano. Poderia nos contar um pouco sobre suas indagações? Quais são as questões que sempre te moveram?

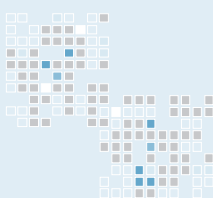
Comecei a trabalhar como professora desde muito cedo, com 19 anos, por opção, dada a energia juvenil que me movia. Portanto, lá se vão muitos anos de carreira. Passei por todos os estágios de docência, no que é hoje chamado de ensino fundamental, médio e, antes mesmo de me diplomar em Letras, já trabalhava como monitora nas áreas de Didática do Ensino de Inglês e de Litera-

tura Brasileira e Portuguesa, no ensino superior, na PUC-SP, da qual nunca mais saí, desde então. Doutorei-me em Teoria Literária, também cedo, em 1973, orientada por Lucrécia Ferrara e tendo como membros da banca nada menos do que Antonio Cândido, Haroldo de Campos, João Alexandre Barbosa e Mery Kato. Imagine o orgulho que tenho disso.

Mas retornemos no tempo. Minha primeira formação, que começou aos seis anos de idade, foi em música. Dos 6 aos 12 anos, estudei piano com professora particular. Dos 13 aos 19 anos, segui esses estudos em conservatório, acompanhados por história da música, harmonia, solfejo, etc. Também estudei violão durante quatro anos, na época do *boom* da bossa nova. Além disso, ainda fiz três anos de canto. Mais tarde, no final dos anos 1970, frequentei cursos de dança, durante dez anos. Em 1986, quando fui convidada a produzir oito programas para a rádio Cultura, sob o título de “O universo sonoro de Lucia Santaella”, já no primeiro programa, declarei aos ouvintes que, apesar da força de atração que a música exerce sobre mim, fracassei em todas essas iniciativas. Muito cedo já me dei conta de que a música não era o meu caminho. De fato, faltava-me

qualquer talento para isso. Hoje vejo que não há esforços sem recompensas. Sem o conhecimento de música que acumulei, minha carreira de semioticista, abraçada desde meados dos anos 1970, teria sofrido essa falta. O livro mais extenso que já escrevi e que mais tempo demandou, *Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora, visual, verbal*, não podia prescindir de minha formação em música.

Minha segunda formação foi em Letras e Literatura. Desde o início do ensino fundamental, já vi despertada minha fascinação pelas línguas e a literatura. Essa seria, de fato, a rota que seguiria. Fiz colegial com opção para o clássico, naquela época em que havia uma separação entre científico e clássico, este mais voltado para as letras. Segui pelas letras no curso de graduação e cursei a pós-graduação em Teoria Literária. Nesse curso de pós-graduação, em que tive o privilégio de ter como professores os poetas Haroldo de Campos e Décio Pignatari, a literatura nunca foi vista no seu isolamento, mas nos diálogos que estabelece com as artes visuais, a música e mesmo com os meios de comunicação de massa. Foi nessa época que nasceu meu grande interesse pela arte moderna, as vanguardas



artísticas e seus desdobramentos, um interesse que nunca mais abandonei.

Foi aí, entretanto, que chegou a vez de minha terceira formação: comunicação, sob o ponto de vista das linguagens e artes. Em 1976, tornei-me docente nesse mesmo programa de pós-graduação em que obtive meu doutorado, um programa que, dois anos depois, seria expandido da teoria da literatura para a comunicação e semiótica. Nesse ambiente, posso dizer que, a partir da música e das letras, fui desenvolvendo uma terceira formação em comunicação e artes. Devido aos novos cursos intersemióticos que propunha e que me colocavam em contato e diálogo com jornalistas, artistas plásticos, video-makers, fotógrafos, que começaram a frequentar o curso como alunos. Muitos deles tornaram-se meus orientandos, provavelmente atraídos por minha tendência a enfrentar desafios, navegar em céu aberto. Aprendi muito com esses orientandos, cresci com eles. Um dos grandes orgulhos que tenho do meu currículo está nos nomes de artistas, curadores e teóricos extraordinariamente talentosos cujas teses orientei. São pessoas que hoje ocupam posições de

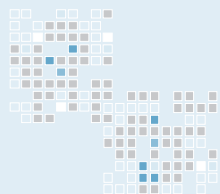
liderança no cenário das artes, literatura, comunicação e cultura no Brasil. Ter meu nome, de certa forma, ligado ao dessas pessoas, gratifica minha vida intelectual. No momento atual (2014), tenho 220 teses e dissertações defendidas sob a minha orientação, além da supervisão de seis pós-doutores, mais um em execução. Costumo citar esse número significativo, sem falsa modéstia. Gosto tanto da atividade de orientação, de testemunhar o crescimento intelectual daqueles cujas pesquisas acompanho com curiosidade e grande interesse, que também costumo dizer, em tom de brincadeira, que oriento até dormindo.

Foi por volta dos anos 1980 que, dando prosseguimento a um capítulo publicado em meu primeiro livro, *Produção de linguagem e ideologia* (1980), sobre “A classificação da linguagem verbal”, dei início a um trabalho complexo no campo da visualidade e das artes: a classificação da linguagem visual cuja primeira versão foi primeiramente publicada em inglês, em 1985. Foi nesse período que também colaborei com frequência no *Jornal da Tarde* com artigos no campo das artes e literatura. As duas

classificações acima foram tendo desdobramentos ao longo dos anos até serem incorporadas ao corpo mais amplo das três matrizes da linguagem e pensamento, sonora, visual e verbal, no meu livro *Matrizes da linguagem e pensamento*, publicado em 2001, pela Iluminuras/Fapesp.

Seu livro *Matrizes da linguagem e pensamento* propõe realizar uma leitura dos enigmas das linguagens, mas deixa entrever um projeto ousado de revisar o próprio campo da comunicação a partir de três matrizes (sonora, visual, verbal) e de seus híbridos. De onde surgiu a proposta teórica das matrizes da linguagem e pensamento? O que esta teoria se propõe a explicar e quais as consequências para o campo da comunicação?

Minha especialização em semiótica vem desde a juventude, área em que fiz carreira internacional, tendo sido Vice-Presidente da Associação Internacional de Semiótica por dez anos e Presidente da Federação Latino-Americana de Semiótica por quatro anos. Dessa especialização deriva meu ponto de vista sobre a comunicação. Não é possível haver



Devido aos novos cursos intersemióticos que propunha e que me colocavam em contato e diálogo com jornalistas, artistas plásticos, video-makers, fotógrafos, que começaram a frequentar o curso como alunos.

Minha especialização em semiótica vem desde a juventude, área em que fiz carreira internacional, tendo sido Vice-Presidente da Associação Internacional de Semiótica por dez anos e Presidente da Federação Latino-Americana de Semiótica por quatro anos.

comunicação sem que algum tipo de mensagem seja transmitido. E não há mensagem sem signo. Minha noção de signo não se limita ao signo verbal como querem os estruturalistas. Ao contrário, à luz de Peirce, compreendo signo no sentido mais vasto possível. Vem daí a expansão da antroposemiótica para as áreas bastante desenvolvidas em boa parte do mundo da zoosemiótica e da biossemiótica. Levando isso ainda mais longe, estou agora investigando a possibilidade de uma fisiossemiótica. Ora, estudar a comunicação sob o ponto de vista dos signos, significa livrar-se do antropocentrismo. Mais ainda, outros mundos semióticos nos ajudam a compreender melhor a miríade dos signos que fazem parte da vida humana nas interações e contradições dos humanos entre si, assim como nas suas relações com outras semioses não humanas. Essa visão me fornece um miradouro privilegiado para compreender os estudos emergentes das relações humanos-não humanos.

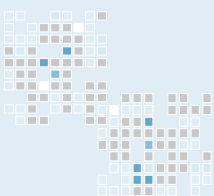
É desse ponto de vista, mas ainda restrito às linguagens humanas, que derivou o meu livro

Matrizes. Ou seja, tentei criar um sistema alargado das modalidades possíveis da linguagem sonora, da visual e da verbal que tomei como matrizes que fundam a organização do pensamento de que derivam todas as linguagens. Postulo, portanto, que há apenas três matrizes de linguagem e pensamento a partir das quais se originam todos os tipos de linguagens e processos sígnicos que os seres humanos, ao longo de toda a sua história, foram capazes de produzir. A grande variedade e a multiplicidade crescente de todas as formas de linguagens (literatura, música, teatro, desenho, pintura, gravura, escultura, arquitetura, etc.) estão alicerçadas em não mais do que três matrizes. Não obstante a variedade de suportes, meios, canais (foto, cinema, televisão, vídeo, jornal, rádio, etc.) em que as linguagens se materializam e são veiculadas, não obstante as diferenças específicas que elas adquirem em cada um dos diferentes meios, subjacentes a essa variedade e a essas diferenças estão tão-só e apenas três matrizes. Repetindo: sem negar a multiplicidade e diversidade das linguagens, multiplici-

dade, aliás, que só tende histórica e antropologicamente a crescer cada vez mais, postulo que, por baixo dessa multiplicidade manifesta, há três matrizes lógicas a partir das quais, por processos de combinação e mistura, originam-se todas as formas diferenciadas de linguagem. Esse investimento teórico de porte livrou-me da mídiomania que afetou e continua afetando os currículos dos programas de pós-graduação em Comunicação no Brasil. Afinal, o que seria das mídias se os signos não circulassem por suas veias?

Seus livros, especialmente dos anos 1990 para cá, influenciaram muitas pesquisas em comunicação e cultura digital, mas tais pesquisas tendem a comparar o mecanismo da comunicação dos mass media com os da cibercultura, esquecendo-se geralmente de considerar a fase de transição que você chamou de "cultura das mídias". Em que medida a cultura das mídias prepara terreno para a cultura digital?

Creio que minhas primeiras intuições sobre a cultura digital começaram a brotar antes mesmo que esta cultura tivesse se tornado visível. Tudo começou,



para mim, em 1986-87, quando fui professora convidada pelo Serviço de Intercâmbio Acadêmico Alemão (DAAD) na Universidade Livre de Berlim. Naquela época, o muro ainda existia e a cidade dividida, bem no meio da Alemanha Oriental, em plena guerra fria, tinha características muito *sui generis*. Para pensar pela insegurança de viver naquelas condições, os alemães ocidentais ofereciam aquilo que para o alemão é valor máximo: a cultura. Levei pelo menos dois meses para começar a compreender o que acontecia naquela cidade pós-moderna *avant la lettre*. Eram tantas as ofertas e misturas entre cultura erudita, alternativa, popular e cultura de massa que desse impacto resultou meu livro *Cultura das mídias*, o qual obtive esse título, antes que a palavra mídias tivesse começado a circular pelo mundo da comunicação. Percebi que algo novo estava emergindo, algo que iria ferir a hegemonia da cultura de massas e para esse algo novo, decidi com ousadia, chamar de cultura das mídias, livro que continuei publicar em uma editora desconhecida, em 1992. Quando veio a segunda edição, em 1996, a internet já estava começando a habitar os nossos lares. Daí

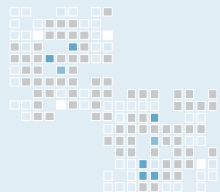
para frente, resolvi enfrentar *pari passu* os desafios sociais, políticos e culturais que a aceleração das transformações do mundo digital não cessa de nos apresentar. Relativos a esses desafios, publiquei, de 2003 a 2013, nada menos do que nove livros, todos pela editora Paulus, um deles em coautoria com Renata Lemos e outro em coautoria com Erick Felinto, este mais voltado para as antecipações relativas ao pós-humano ou não humano de Vilém Flusser.

Em 1987, a cultura das mídias não passava para mim de uma intuição ainda vaga. Foi só com o desenvolvimento da cultura digital que cheguei a esclarecer com maior sistematicidade o que chamo de cultura das mídias. Para entender a cultura digital e as misturas que com ela convivem, estabeleci a evolução histórica daquilo que chamo de seis ciclos de formações culturais: oral, escrita, impressa, massiva, mídias e digital. Sem entrarmos nos detalhes que estão explicitados nos meus livros, defendo a ideia de uma cultura das mídias como intermediária entre a cultura de massas e a cultura digital. Por volta dos anos 1970, surgiram pequenos equipamentos (controle remoto, máquina xerox, vídeo cassete, TV a cabo) que foram

colocando nas mãos do receptor a possibilidade de escolha da informação ou entretenimento que desejava receber. Assim, a cultura das mídias inaugurou processos distintos da lógica massiva e veio fertilizando gradativamente o terreno sociocultural para o surgimento da cultura digital ora em curso, uma cultura que, embora esteja mais à flor da pele da cultura, convive com os cinco outros tipos de formações culturais prévios. Vem daí a hipercomplexidade da cultura contemporânea que encontra no pluralismo das artes uma de suas formas de expressão mais fiéis.

Nos estudos em cibercultura, especialmente no que se refere à internet, são comuns as divisões entre fases, como “web 1.0” e “web 2.0”, “internet fixa” e “internet móvel”. Como você vê a evolução da cibercultura, do seu início até os dias de hoje? Como você relaciona as práticas colaborativas vigentes nas redes com o que alguns autores chamam genericamente de “inteligência coletiva”? Qual é o papel dessa forma de inteligência nos desafios atuais da nossa cultura?

Há autores que não aceitam essas divisões, considerando-as



Creio que minhas primeiras intuições sobre a cultura digital começaram a brotar antes mesmo que esta cultura tivesse se tornado visível.

falsas e efeitos de marketing. De qualquer maneira, uma coisa é certa. As redes têm evoluído a passos inquietantes e desconcertantes e esses passos têm tomado, cada vez mais, a direção dos usuários e daqueles que espiam os usuários. Mesmo que não aceitemos as divisões numéricas, não há como negar que, de 1990 a 1999, os espaços da web eram páginas que representavam a visão da empresa ou da organização proprietária do domínio. De 2000 a 2009, os espaços passaram a ser as contas pessoais dos usuários, embora alojadas em sites pensados e desenhados por um editor. De 2010 em diante, os espaços da web vêm sendo uma coleção de recursos de diferentes sites que se organizam em tempo real, de acordo com a visão do usuário.

No momento em que nos encontramos, os desenvolvimentos da comunicação, processamento e armazenamento, cada um deles encontra nos fenômenos da M2M (máquina a máquina), computação na nuvem e *big data*, os fatores inter-relacionados nos quais uma escala massiva dá a tônica. Um dos *hypes* do momento são as *smart networks* (redes inteligentes) um aplicativo ou

serviço capaz de aprender a partir de situações prévias e de comunicar os resultados dessas situações para outros recursos ou usuários. Estes podem mudar seu comportamento para melhor se adequar à situação o que significa que informação sobre tais situações devem ser geradas, transmitidas, processadas, correlacionadas, interpretadas, adaptadas, dispostas de uma maneira significativa como guia para a ação. Tudo isso, um desenvolvimento mais complexo daquilo que Pierre Lévy e Derrick de Kerckhove, muito adequadamente chamaram de inteligência coletiva, quando a internet estava apenas engatinhando.

Os dispositivos móveis trouxeram transformações impressionantes para a cibercultura, inaugurando aquilo que chamo de hiper mobilidade. À mobilidade física das pessoas que portam esses dispositivos, computadores potentes, cada vez mais miniaturizados, soma-se a mobilidade da informação nas arquiteturas líquidas do ciberespaço. Este e o espaço físico misturam-se de tal forma que, as antigas dicotomias entre “mundo real e mundo virtual”, metaforicamente apresentadas nos filmes *Matrix*,

desapareceram do horizonte sem deixar rastros.

Mas a próxima etapa dos impactos na comunicação está prometida pela internet das coisas, a robótica evolutiva e a computação vestível. Não por acaso, na filosofia está emergindo uma nova tendência denominada realismo especulativo ou também chamada de Ontologia Orientada ao Objeto (OOO) que está sinalizando a necessidade inescapável de se rever radicalmente nossas maneiras de conceber o mundo das coisas. Estas passarão a se comunicar entre si e conosco, como se fossem seres vivos. Presumo que as últimas trincheiras do secular binômio sujeito-objeto irão, por fim, desabar.

Os desafios atuais seguem, em novas entonações, a eterna luta titânica entre as forças da criação e as forças da destruição que convivem no interior da humanidade. Marx já dizia que o crescimento das forças de produção é equivalente ao crescimento das forças de destruição. Ao mesmo tempo em que as redes avançam no sentido do aumento do potencial libertador do humano, elas também avançam no potencial de malignidade, como

A minha ideia de aprendizagem ubíqua deriva do perfil daquilo que chamo de leitor ubíquo. Em 2003, buscando desvendar o perfil cognitivo do leitor imersivo, aquele que navega pelas redes informacionais, desenvolvi uma pesquisa, publicada em meu livro *Navegar no ciberespaço (...)*

se pode ver na vigilância ubíqua que elas promovem. Ao mesmo tempo em que a revolução digital avança na direção de uma inteligência coletiva compartilhada, as máquinas de guerra ganham em precisão e sutileza destrutiva. Para esse panorama, não há louvação possível.

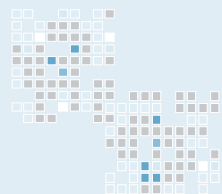
Em seu recente livro *Comunicação ubíqua, os últimos capítulos se dedicam à aprendizagem ubíqua e ao campo da educação. Ali, fica claro que a educação tem encontrado um cenário em que os indivíduos passam a ter um acesso à informação de forma ubíqua, ininterrupta, "pervasiva", e os processos de aprendizagem podem ser cada vez mais abertos, espontâneos, assistemáticos e mesmo caóticos. Podemos dizer que haja aqui um confronto entre essa "aprendizagem ubíqua" e a "educação formal tradicional"? São estas formas de aprendizado excludentes?*

A minha ideia de aprendizagem ubíqua deriva do perfil daquilo que chamo de leitor ubíquo. Em 2003, buscando desvendar o perfil cognitivo do leitor imersivo, aquele que navega pelas redes

informacionais, desenvolvi uma pesquisa, publicada em meu livro *Navegar no ciberespaço* (Ed. Paulus, 2004), que teve início com uma tentativa de sistematização dos diferentes modos de ler. Esses são muitos, mas consegui sintetizá-los em três modalidades que pareciam ter o poder de englobar as diferenças. Agrupei, assim, os tipos de leitores em: contemplativo, movente e imersivo. O primeiro é o leitor do texto impresso cujo perfil cognitivo foi acompanhando a história do livro. O segundo é o leitor que chamo movente porque ele nasceu junto com os grandes centros urbanos, o homem na multidão de que falava Edgar A. Poe, esse leitor que aprendeu a ler signos urbanos, luzes, formas, setas, sinais, preparando sua percepção para a fugacidade da leitura dos mosaicos jornalísticos e para as imagens em movimento do cinema, seguido depois pela televisão e vídeo. Um olhar retrospectivo nos releva que esse leitor movente foi preparando a sensibilidade perceptiva humana para o surgimento do leitor imersivo, este que navega entre os nós e conexões alineares das redes di-

gitais. Esses três tipos de leitores coexistem, complementam-se e se completam.

Entretanto, nos últimos dez anos, as transformações por que tem passado a cultura digital trouxeram os equipamentos móveis, portáteis que disponibilizam as redes informacionais na palma de nossas mãos, em qualquer lugar em que estejamos. Surgiu com isso um quarto tipo de leitor que batizei de leitor ubíquo. Seu perfil cognitivo é inédito e nasce do cruzamento e mistura das características do leitor movente com o leitor imersivo. É ubíquo porque está continuamente situado nas interfaces de duas presenças simultâneas, a física e a virtual, interfaces que reinventam o corpo a arquitetura, o uso do espaço urbano e as relações complexas nas formas de habitar, o que repercute nas esferas de trabalho, de entretenimento, nas esferas de serviços, de mercado, de acesso e troca de informação, de transmissão de conhecimento e de aprendizado. O que caracteriza o leitor ubíquo é uma prontidão cognitiva ímpar para orientar-se entre nós e nexos multimídia, sem perder o



Desde 2003, no meu livro *Culturas e artes do pós-humano*, tenho me dedicado sistematicamente ao tema das interfaces e simbiose humano-máquina, sob o ponto de vista do corpo e da inteligência como faces indissociáveis do pós-humano.

controle da sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado. Com esse tipo de leitor, nasce aquilo que chamo de aprendizagem ubíqua.

Trata-se da aprendizagem que se dá graças às redes as quais permitem que qualquer curiosidade cognitiva que passa pela nossa cabeça possa ser imediatamente sanada, inclusive por meio da colaboração entre pares. Bastam alguns toques na tela para que as respostas apareçam. Entretanto, há que se considerar que esse tipo de aprendizagem não é autossuficiente. Assim como os tipos de leitores se complementam, também devem se complementar as variadas formas de aprendizagem que hoje se tornaram possíveis, tais como aquela promovida pela educação formal e informal, o *e-learning* e o *m-learning*, estes estrategicamente pensados como integrantes da educação formal, mais a aprendizagem ubíqua.

Ainda no âmbito da comunicação digital, ao dilema da inteligência coletiva, passam a estar atrelados dilemas como a inteligência artificial, a educação à distância, a ciberarte, de modo que grande parte da cognição humana não pode

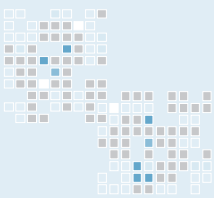
mais ser desvinculada de uma cultura do algoritmo. Como você vê essa simbiose homem-máquina?

Desde 2003, no meu livro *Culturas e artes do pós-humano*, tenho me dedicado sistematicamente ao tema das interfaces e simbiose humano-máquina, sob o ponto de vista do corpo e da inteligência como faces indissociáveis do pós-humano. Essa expressão “pós-humano” não é pacífica e está rodeada de ambiguidades. Retornei ao tema diversas vezes ao longo dos últimos 11 anos. Retomo aqui a introdução do capítulo 1 do livro *Comunicação ubíqua* (Paulus, 2013), na qual fiz um retrospecto dos aspectos em que o tema foi por mim explorado.

Desde o final dos anos 1980, o contínuo retorno ao tema do pós-humano é explicável não apenas devido à complexidade da questão, mas, sobretudo, porque, estando ligadas às relações entre o ser humano e as atuais revoluções tecnológicas, as problemáticas colocadas pelo pós-humano necessariamente acompanham as aceleradas transformações biológicas, antropológicas, sociais e psíquicas provocadas por essas

revoluções.

Baseada no trabalho de artistas e teóricos da arte, comecei pelo corpo protético, que chamo de bio-cibernético. Então, passei a explorar o tema sob os pontos de vista da semiótica e da psicanálise. A seguir, discuti a genealogia e contextualização do pós-humano na pós-modernidade e recuei a busca das suas origens em alguns anos, para encontrá-la na literatura *cyberpunk*. Estabeleci, então, a distinção entre um pós-humanismo ilusionista versus um pós-humanismo crítico. Em 2010, dei-me conta de que falar em pós-humano implica discutir o que se entende por humano, tarefa que ainda não havia enfrentado. Isso me levou à *Carta ao Humanismo*, de Heidegger, e à resposta de Sloterdijk a essa carta. Levando o questionamento filosófico além de Heidegger, o pós-humanismo crítico recusa qualquer ramo da filosofia humanista que, postulando a unidade da essência humana, toma como segura a universalidade da natureza humana. Contra qualquer forma de universalismo ou de qualquer cenário



fixo e eterno, o pós-humanismo reconhece a heterogeneidade, a multiplicidade, a contradição, o contexto, a objetividade situada como constitutivos do humano, do que decorre uma nova ontologia das instabilidades.

Recentemente, Erick Felinto e eu, terminamos um livro em coautoria (*O explorador de abismos*, Paulus, 2012), voltado para a reflexão sobre o não humano na obra de Vilém Flusser, pensador das mídias tcheco, alemão e brasileiro. Essa reflexão teve como contexto a discussão crítica dos “outros” do humano, quais sejam, os animais, os outros reinos do vivo e também os objetos. Ao transgredirem a crença de que a “natureza humana” é ontológica e de que a sacra essência humana é transcendente, os outros do humano levam de roldão a pretensa integridade humana, uma suposta integridade que imputa como monstruosas quaisquer misturas e hibridismos. Esta questão nos conduz diretamente para a sua pergunta a seguir.

Suas publicações recentes sobre Bruno Latour parecem caminhar

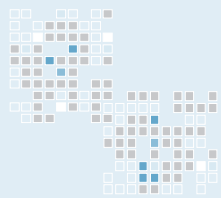
para uma aliança entre a cognição distribuída (indiferenciadamente entre humanos e não humanos) e a tese do sinequismo peirceano, segundo a qual não há ruptura entre mente e matéria. Onde foi que o antropocentrismo do projeto moderno começou a ruir? Como você tem visto o dilema da continuidade entre mente e matéria?

Você antecipou aqui a problemática do novo projeto de pesquisa que estou enviando para a continuidade da minha bolsa de produtividade no CNPq. A ontologia plana ou achatada, assim batizada pelo filósofo deleuziano Manuel DeLanda, é parte integrante das formulações da TAR (teoria ator-rede) de Latour e outros. Ela também está presente no pensamento de vários dos integrantes da Ontologia Orientada ao Objeto (OOO), muitos deles inspirados em Latour. Enfim, trata-se de uma questão em grande voga no momento. Mas sigo sua pergunta em partes.

No primeiro capítulo do meu livro *Corpo e Comunicação. Sintoma de cultura* (Paulus, 2004), discuti toda a cronologia, que vai do final do século XIX aos

nossos dias, da desconstrução da noção de sujeito levada a cabo principalmente pela psicanálise e a filosofia, até atingir hoje o feminismo e variados discursos da cultura. É dessa desconstrução que decorre a crise do antropocentrismo. A posição dos autores sobre essa crise é polifônica, mas todos convergem para um foco comum: a noção de sujeito, embora historicamente recente, já sinaliza seu fim, como preconizou Foucault, no final de *As palavras e as coisas*. Mas quando você alia essa questão à ruína do projeto moderno, isso funciona como um índice de que é o Latour de *Nunca fomos modernos* que você tem em mira.

Para Latour, como já expusemos no livro *O explorador de abismos* (Felinto e Santaella, ed. Paulus, 2012), a estabilidade ontológica da modernidade alicerçou-se em duas estratégias epistemológicas, a da purificação que cria categorias discretas de espécies, classes e estados do ser. Todavia, categorias purificadas defrontam-se com a outridade, a saber, a natureza inerte e todo o território do não



Contra qualquer forma de universalismo ou de qualquer cenário fixo e eterno, o pós-humanismo reconhece a heterogeneidade, a multiplicidade, a contradição, o contexto, a objetividade situada como constitutivos do humano, do que decorre uma nova ontologia das instabilidades.

Todavia, categorias purificadas defrontam-se com a outridade, a saber, a natureza inerte e todo o território do não humano. Desse defrontamento decorre a segunda estratégia da modernidade, que é também seu sintoma, a tradução, a manufatura de diferentes tipos de seres híbridos.

humano. Desse defrontamento decorre a segunda estratégia da modernidade, que é também seu sintoma, a tradução, a manufatura de diferentes tipos de seres híbridos. A modernidade sustenta-se sobre fronteiras taxonômicas claras. Contudo, esse mesmo imperativo de estabelecer distinções absolutas e impermeáveis resulta em uma proliferação incontrolável de híbridos. Dessa contradição autoimposta inconciliável resultou a ruína do moderno tanto mais evidente quanto

mais os híbridos impõem-se irrecusavelmente.

Latour retomou o tema do moderno, sob novos pontos de vista, na sua obra mais recente *Uma investigação sobre os modos de existência*, obra a ser estudada com cuidado no meu projeto de pesquisa que lança como uma de suas hipóteses a relevância da entrada do sinequismo de C. S. Peirce para a discussão de uma antologia plana. Os diversificados processos de semiose, obtidos nas classificações de signos de Peirce, permitem discutir porque todas

as coisas, inclusive vegetais e animais humanos e não humanos, são igualmente reais, mas não igualmente fortes. Essa contri-buição de Peirce é fundamental, especialmente no confronto com as novas propostas de Latour, inspiradas em Souriau. Além disso, a teoria peirciana dos objetos dos signos parece bastante bem equipada para dar conta de um retorno às coisas como quer a Ontologia Orientada ao Objeto. Felizmente, com sorte e merecimento, o CNPq me dará cinco anos para realizar essa pesquisa.

